



Universidade de Brasília - UnB  
Faculdade de Comunicação - FAC  
Departamento de Audiovisuais e Publicidade - DAP  
Curso de Publicidade e Propaganda

Natália Sampaio Avancini Seabra

**EU NÃO SOU ESPECIAL**

Brasília - DF  
Fevereiro/ 2022

Natália Sampaio Avancini Seabra

## **EU NÃO SOU ESPECIAL**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Faculdade de Comunicação  
Social para obtenção do título de Bacharel  
em Comunicação Social, habilitação em  
Publicidade e Propaganda

Orientador: Gustavo de Castro da Silva

Brasília - DF  
Fevereiro/ 2022

Natália Sampaio Avancini Seabra

## **EU NÃO SOU ESPECIAL**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Faculdade de Comunicação  
Social para obtenção do título de Bacharel  
em Comunicação Social, habilitação em  
Publicidade e Propaganda

Orientador: Gustavo de Castro da Silva

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Gustavo de Castro da Silva – Orientador  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Prof. João Batista Lanari Bo – Membro 1  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Profa. Luiza Spinola Amaral – Membro 2  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Prof. Luciano Mendes de Souza – Suplente  
Universidade de Brasília (UnB)

Brasília - DF  
Fevereiro/ 2022

**Resumo:** A partir da curadoria feita de minhas anotações antigas, formulei um livro a fim de evocar minha identidade. Não apenas de quem sou hoje, mas de quem um dia fui. Resgatar memórias é essencial para nos entendermos. Abandonando/ negando a narrativa literária linear, proponho meu projeto com um gênero textual experimental, no qual se misturam relatos de sentimentos, referências musicais, indicações de filmes, mensagens enviadas a terceiros, cartas recebidas etc.

**Palavras-chave:** Memória; eu; identidade; escrita; literatura; experimental

**Abstract:** From a curation made of my old personal writes, I concepted a book to evocate my identity. Not only who I am today, but who someday I was. Recover memories is essencial to understand usself. Denying a linear literary narrative, I propose my project as an experimental textual genre, in which I mix sentimental stories, musical refs, movies indications, messages I sent, letters received etc.

**Keywords:** Memory; I; identity; writing; literature; experimental

## Sumário

1. Introdução.....	6
2. Problema de pesquisa .....	7
3. Objetivos .....	7
3.1. Objetivo geral .....	7
3.2. Objetivos específicos.....	8
4. Justificativa .....	8
5. Fundamentação teórica .....	10
6. Metodologia .....	12
7. Produto .....	15
7.1. Capa e Contracapa.....	15
7.2. Folha de guarda e Folha de rosto.....	18
7.3. Miolo .....	24
8. Referência bibliográfica .....	25

## Lista de Figuras

Figura 1 – Teste de cor da capa (vaso) .....	16
Figura 2 – Teste de cor da capa (casaco).....	17
Figura 3 – Mockup capa do produto .....	18
Figura 4 – Partes de um livro .....	19
Figura 5 – Guarda e folha de guarda azul.....	20
Figura 6 – Guarda e folha de guarda marrom.....	20
Figura 7 – Guarda e folha de guarda verde .....	21
Figura 8 – Capa marmorizada vermelha.....	22
Figura 9 – Capa marmorizada verde .....	22
Figura 10 – Capa marmorizada colorida.....	23
Figura 11 – Marmorização escolhida para o produto.....	23

## 1. Introdução

Como a gente sabe quem foi?

Dizem, os neurologistas e psiquiatras, que o cérebro distorce lembranças para preencher lacunas deixadas pela falta de recordação, perdida no tempo.

Sou desenganada. Anoto o que sinto desde pequena. Mesmo no português mais sofrido de outrora, os cadernos estão cheios de confissões.

Me dá um prazer nostálgico olhar para uma fotografia. Rer memórias antigas é olhar para uma fotografia sem precisar decifrar pelos olhos, sobrancelhas ou sorrisos, os sentimentos que perpassavam a gente. A ideia de poder, depois de tudo, relembrar pensamentos antigos e fatos passados me conforta, perante um futuro incerto. A trintona Natália, por exemplo, adorará rer o que agora escrevo, talvez constrangida, mas com o carinho que a rememoração da mocidade (se assim posso chamar) evoca.

Como resultado da angústia de não me lembrar de mim, o livro em que reuni alguns textos que escrevi, li ou ouvi aos quais concebi; a cada ocasião, a cada Natália que fui, tamanha relevância. Juntei vários fragmentos de quem eu era, do que senti e do que passei para recompor-me. Contrário ao que disse Padre Malagrida (citação descoberta durante a leitura de *O Vermelho e o Negro*, quando Stendhal a escolhe para abrir o capítulo 22) “ao homem foi dada a palavra para esconder seu pensamento”, a mim foi dada a palavra para escrever o que não poderia jamais dizer.

Não necessário, contudo, recordar-me em absoluto, como o personagem do conto *Funes, o memorioso*, de Jorge Luis Borges, possuidor de uma mente excepcional que o privava do esquecimento, mas em contrapartida o tirava a vida de fato. O lembrar-se inequivocamente tem seu preço, entendo.

Mas, ao suficiente que desejo me ater nesse projeto, não permaneço na mesmice. Fugi da narrativa linear, baseada na crescente de acontecimentos detalhados. Afinal, isso escrito assim todo mundo já viu. Tão ditado. Tão demodê.

O leitor vai se deparar com uma leitura fluida, embora sem clara conexão entre um trecho e outro, porque os pensamentos são sinapses soltas, não seguem a lógica

literária estabelecida. Alguns deles um texto robusto de três páginas, outros apenas a indicação do filme que fiquei interessada e talvez eu assista depois.

Quanto ao título, adveio da ideia de massificação da individualidade.

Sofro, choro escondido e me sinto muito injustiçada pela dor que algumas coisas me causam, mas sei, com o amadurecimento que adquiri com a idade, todos sofremos. Essa sensação de aflição individual distanciada do coletivo se fez presente principalmente ao longo da minha adolescência, fase na qual muito saiu de mim e foi preencher meu caderno de anotações. Aos 14/15 anos adoramos achar que todo mundo está contra nós e que são enormes nossos aborrecimentos. Tudo é um exagero. Nós, protagonistas de um drama sensacionalista.

Contudo, como afirmaram Theodor Adorno e Max Horkheimer (2002, p.202) “O princípio da individualidade sempre foi contraditório. Antes de tudo, nunca se chegou a uma verdadeira individualização”. Na sociedade em que existimos, na qual há uma homogeneização do que consumimos; seja música, produções audiovisuais, moda etc.; conseqüentemente, também esse processo se estende a comportamentos e anseios. Às vezes nos julgamos tão particulares, que relevamos o que nos é alheio, e sobrepujamos nossas vivências, como se o outro não passasse por dores tão similares. Tem dores que são universais, eu não sou especial.

## **2. Problema de pesquisa**

Como retratar o si de forma literária com a produção de um livro experimental?

## **3. Objetivos**

### **3.1. Geral**

Produzir um livro a fim de reconstituir, por meio de uma narrativa experimental, a identidade do eu a partir de anotações.



### 3.2. Específicos

Experimentar possibilidades textuais.

Revisitar e recontar/ reescrever/ reconstituir fatos passados.

Diagramar e desenvolver projeto gráfico de um livro.

## 4. Justificativa

Escrevi. Esse ato por si só se basta. O escrever por si só se justifica. Escrever é preciso, viver não é preciso. Como disse Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo*, um diário, formato com o qual flerto em meu trabalho, “O livro é a melhor invenção do homem”. Mas é necessário, para a totalidade deste memorial, dar motivo para a produção de mais um livro dentre os milhares, talvez bilhões, que existem ou algum dia existiram no decorrer da vida humana na Terra. Deus, ou outra divindade que seja, agraciou apenas nós com esse dom fantástico.

Desses incontáveis exemplares alguns são aclamados e evocados como “clássicos” na literatura mundial. Conseqüentemente, suas histórias são traduzidas e reproduzidas pela boca de uma infinidade de gentes, de diferentes povos em diferentes espaços de tempo. Impressionante quantas vezes ouvi falar de um poema da Grécia Antiga escrito há séculos e séculos, que ainda não me aventurei a ler, *Odisseia*. Quantas vezes ele já não me foi contado. Quantas vezes já não serviu de inspiração, como para James Joyce desenvolver *Ulisses*, tão marcante que originou um feriado irlandês, o *Bloomsday*. Um clássico fruto de outro clássico.

O propósito disso tudo é afirmar que, indiscutivelmente, sempre me interessaram tais obras, apesar dos pesares. Principalmente, nacionalista que sou (no melhor dos sentidos, não daquele patriotismo descabido e odioso de agora), os célebres escritos da literatura brasileira. Tendo eles autores, em maioria, brancos que gozaram de regalias econômicas ou, em certos casos, de posições hierárquicas de poder no Estado.

O único de grande, aliás, grandessíssima notoriedade, nacional e internacional, que não desfrutou de privilégio racial fora Machado de Assis. Joaquim Maria Machado de Assis. Embora até hoje estudiosos, ou meros apreciadores de sua escrita, o

imaginem com a pele mais clara, numa tentativa de minimizar o abalo que a negritude do autor provocaria no preconceito não confesso deles.

Quanto às mulheres, descobrimos, mesmo que de pouco em pouco, incríveis escritoras que sofreram apagamento ao longo da história. Recentemente me deparei com *Úrsula*, romance de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859.

Ademais a padronização social, a forma de escrita, a busca pelo emprego mais próximo da norma culta gramatical que se pode chegar sem ser enfadonho, é uma característica comum aos literatos.

Quanto a questão do aspecto temático, por mais que divirjam na abordagem ou razão de ser das obras, como os realistas alegavam negar os românticos e foram também negados pelos naturalistas, microestruturalmente sempre usaram protagonistas e enredos que metaforizassem as condições macroestruturais da sociedade. Poucos se aventuraram em textos prosados tão pessoais, tão cotidianos a si. Talvez Clarice Lispector em *A Paixão Segundo G.H.* Porém, ainda se utilizando da personagem para assumir pensamentos que por ventura fossem seus.

Não me recordo, eventualmente por falta de acesso ou de curiosidade, de nenhum livro prosado (afinal, de poemas temos inúmeros casos) como um daqueles que “você precisa ler esse aqui antes de morrer, uma obra-prima”, no qual seu redator tenha expresso abertamente, sem amarras linguísticas ou sociais, seu Eu. Eu lírico = eu. E não imaginem aqui que me refiro a autobiografia comercial, por mais íntima que seja, não é nem de longe este gênero mais expositivo e menos visceral ao que faço menção.

Não me autoproclamo revolucionária, nem sustentaria tal reputação, meramente julgo como experimental o trabalho que aqui defendo. Tudo que escrevi foi uma experimentação.

Não sei a quem interessa, muito menos se interessa, ler sobre minha lista de afazeres de uma quinta-feira de maio, mas a escrevi. Não sei se a anotação da marca do fogão que vi numa vitrine qualquer, tal qual a redação do fulano que no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2012 ocupou seu terceiro parágrafo inteiro com uma receita de macarrão instantâneo, podem ser considerados exemplos de

produções literárias, mas me proponho a reivindicar o mesmo espaço de quem a produz.

Talvez essa estranheza na leitura, essa presunção de que meu texto é, no máximo, uma tentativa contemporânea da retomada do Dadaísmo no campo das letras, gere uma incerteza. E talvez, só talvez, essa incerteza gere questionamentos, perguntas sobre os agentes responsáveis por definir o que é e quem produz literatura, a “boa” literatura. Quais os assuntos e narrativas entendidas como merecedoras de aclamação no cenário cultural. E, cabendo um pouco mais de esperança nisso tudo, quiçá toda essa dúvida possa começar um incêndio. Um incêndio naquele velho conceito do erudito, um fogaréu de criações com diversidade temática, diversidade de concatenação das ideias e, com certeza, multiplicidade de autores, de AUTORAS.

Pretensão de minha parte, quem sabe, querer causar toda essa comoção apenas com 62 páginas, inclusive sem publicação de nenhuma editora para o projeto. Mas mesmo que uma chama...sonhei alto demais. Mesmo a consciência primeira de chocar uma pedra na outra para criar atrito, ou, trazendo para a atualidade, a lembrança do isqueiro no bolso da calça já me inunda de possibilidades sobre o que virá a ser escrito no futuro.

## 5. Fundamentação teórica

A partir do que Michel Foucault define em “A Escrita de Si”, da coleção *Ditos e Escritos V*, como *hypomnêmata*<sup>1</sup>

Ali se anotavam citações, fragmentos de obras, exemplos e ações que foram testemunhadas ou cuja narrativa havia sido lida, reflexões ou pensamentos ouvidos ou que vieram à mente. Eles constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; assim, eram oferecidos como um tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores. (FOUCAULT, 2004, p.147).

é possível depreender a origem do gênero textual no qual propus meu produto. O embrião do projeto tem berço na Grécia Antiga, mas contraria o objetivo original desse tipo de escrita:

---

<sup>1</sup>Plural da palavra hypomnema, do grego antigo (υπομνημα, plural υπομνηματα, hypomnemata), com diversas significações no português: lembrança, nota, registro público, comentário, rascunho, cópia, ou outros semelhantes.

Eles não constituem uma "narrativa de si mesmo"; não têm como objetivo esclarecer os *arcana conscientiae*<sup>2</sup>, cuja confissão - oral ou escrita - tem valor de purificação. O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele: trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pode ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si. (FOUCAULT, 2004, p.149).

Pretendo sim revelar o oculto, dizer o não-dito. Jamais afirmaria verbalmente – talvez única e exclusivamente na frente do espelho – muito de mim que expus nos textos.

Contudo, apesar do distanciamento quanto ao propósito; à finalidade, o contexto da necessidade de produção dos *hupomnêmata* novamente converge com meu livro, pois, segundo Foucault

Essa prática deve ser encadeada a um tema muito comum na época; [...] a recusa de uma atitude de pensamento voltada para o futuro (que, devido à sua incerteza, suscita a inquietude e a agitação da alma) e o valor positivo atribuído à posse de um passado, do qual se pode gozar soberanamente e sem perturbação. A contribuição dos *hupomnêmata* é um dos meios pelos quais a alma é afastada da preocupação com o futuro, para desviá-la na direção da reflexão sobre o passado. (FOUCAULT, 2004, p.150).

Quanto a estruturação do conteúdo do livro, que não segue uma lógica linear sequencial, como citei na introdução, Pierre Bourdieu (2006, p.185) declara a insustentabilidade da narrativa tradicional romanesca na tentativa de abarcar um tema tão caro quanto a vida: “é significativo que o abandono da estrutura do romance como relato linear tenha coincidido com o questionamento da visão da vida como existência dotada de sentido, de significação e de direção”.

Não segui uma contínua de fatos, e às vezes nem há coerência temática de um trecho para o outro. Até a divisão de capítulos, em meses, e a falta de determinação temporal notória de cada fragmento de anotação, reforça a ideia de superação dessa forma de comunicação limitante. Segundo Bourdieu

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não

---

<sup>2</sup> Traduzido por “segredos da consciência”.

deixou e não deixa de reforçar. [...] Como diz Alain Robbe-Grillet<sup>3</sup>, “o advento do romance moderno está ligado precisamente a esta descoberta: o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório”. (BOURDIEU, 2006, p.185)

E a literatura é área propícia para essa experimentação do ser, por abranger numerosas possibilidades de expressão, como enfatizou o filósofo Ricoeur (1991, p.140): “é um vasto laboratório onde são testadas estimações, avaliações, julgamentos de aprovação e de condenação pelos quais a narrativa serve de propedêutica à ética”. A escrita é um oceano a ser explorado.

Condição para construção de uma particularização pessoal, a “narrativa literária é vista enquanto [...] espaço para testes de si em relação ao outro e, por isso, enquanto espaço/ tempo para construção/constituição da(s) identidade(s)”, como conclui Daniela Silva (2008, p.103), no artigo sobre *O si-mesmo como um outro*, de Paul Ricoeur. Identidade que perpassa o tempo e define quem realmente somos, apesar das transformações de comportamento e opiniões, “as mudanças ameaçam; o tempo apaga, mas nenhum dos dois desfaz o ipse<sup>4</sup> do sujeito”. Portanto, rememorarei a pessoa que eu um dia fui, um outro, mas sem deixar, na essência; no cerne, de ser o ser em si.

## 6. Metodologia

O produto foi conduzido a partir da metodologia de pesquisa documental. Antonio Carlos Gil afirma que o método

[...] consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. (GIL, 2008, p.51).

---

<sup>3</sup> Robbe-Grillet, A. *Le miroir qui revient*. Paris, Minuit, 1984. p. 208.

<sup>4</sup> A partir do conceito de ipseidade, que é a manutenção de si pela recusa da mudança nos compromissos de longa duração (RICOEUR, 1990, p. 140-143)

Tem, portanto, como fonte primeira de informações documentos passados, edificação para um construto memorial de um tema ou indivíduo, como é este o caso. Gil (2002, p.46) ainda reforça o caráter cronológico desse tipo de pesquisa, “como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica”.

O autor também cita como críticas à metodologia a “não representatividade e subjetividade” dos documentos que se estuda. Na concepção do projeto *Eu não sou especial*, busco justamente me apropriar dessa subjetividade que meus textos carregam para dar propiciar à leitura um caráter íntimo e profundo.

Como finalidade, Antonio Carlos (2002, p.88) defende que, em contraposição a pesquisa bibliográfica, que seria parte de uma pesquisa mais ampla, “visando identificar o conhecimento disponível sobre o assunto, a melhor formulação do problema ou a construção de hipóteses. [...] a pesquisa documental, de modo geral, constitui um fim em si mesma”. Desta forma, a exposição dos documentos por mim selecionados, tendo como suporte o livro, é a pesquisa em si, ao mesmo tempo que é objeto.

Marina Marconi e Eva Lakatos reforçam em sua obra a diversidade dos documentos analisados e relevância de itens pessoais

[...] cartas, diários, memórias e autobiografias, os documentos particulares são importantes sobretudo por seu conteúdo não oferecer apenas fatos, mas o significado que estes tiveram para aqueles que os viveram, descritos em sua própria linguagem. Não é fácil diferenciar diários, memórias e autobiografias, pois, além de correlacionados, uns podem conter partes de outros. Diário seria o documento escrito na ocasião dos acontecimentos que descreve; memórias consistem em reminiscências do autor em relação a determinado período, auxiliado ou não por diários, mas ele próprio pode não ser o personagem central; autobiografia é um registro cronológico e sistemático da vida do autor, que se configura como personagem principal. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.181)

Para iniciar a elaboração do meu produto final foi necessário realizar a curadoria. Em meio a tantos escritos que tenho, fazer a seleção dos quais iria usar. Além de decidir os documentos, que recebi de terceiros, ou simplesmente achei em alguma gaveta ou jogados por aí, que comporiam o meu livro. Aliás, também recapitulei mentalmente e elenquei histórias que ainda não tinha colocado em palavras, por serem cruciais para a concepção do indivíduo que sou.

A partir dos documentos e notas selecionadas, me vi em meio a inúmeros papéis, que teria que transcrever para o meio digital. Como conseguiria, de outra forma, uni-los numa mesma padronagem e disponibilizá-los num mesmo texto? Portanto, gastei algumas tardes digitando os trechos que havia escrito no meu caderninho rosa, ou em folhas de pauta soltas e dos impressos, que chegaram endereçados a mim, na fonte Arial, tamanho 12, justificado, com espaçamento 1,5 e recuo de 1,25 na primeira linha. Mesmo que depois essa formatação fosse se perder no Adobe InDesign, programa usado na estruturação do trabalho. Metódica sempre.

Como uma boa parte foi escrita durante minha infância que se mistura aos primórdios da adolescência, percebi muitos erros gramaticais durante o processo de transcrição. A “criança” Nah, como minha mãe me chamava, não se detinha muito na adequação ao português da norma culta em seus textos, preferia se manter focada em concatenar suas ideias no papel. Também nem tinha repertório para isso. Estava no quê... minha 5ª ou 6ª série do ensino fundamental I.

Não quis eu, Natália do futuro, a mais velha e sábia, consertar algumas frases erradas, ou no mínimo engraçadas, do passado. A decisão de manter o que estava como estava se fez tão óbvia, que se justifica em passar a verdade dos pensamentos e da pessoa que eu era.

Em seguida veio a escrita. Escrevi, finalmente, os acontecimentos que ainda não havia escrito, lembrados por mim e por testemunhas, que ouvi em conversas informais para resgatar detalhes que me fugissem.

Tudo num documento Word, separei cada trecho por mês e ano de escrita, para facilitar minha organização em capítulos, já que decidi ser feita em meses, sem distinção de ano, embora numa sequência crescente de cronologia.

Encaminhei o arquivo aos cuidados de uma colega de Jornalismo, Lara, que cumpriu o papel de revisora final, após uma prévia revisão minha. Corrigido, me encarreguei de formatá-lo para leitura; colocando capa, contracapa, folhas de guarda e rosto; além da escolha da fonte e adição de elementos gráficos, produzidos por mim, devidamente explicados no tópico que sucede.

## 7. Produto

### 7.1. Capa e Contracapa

Poderia mentir, dizer que o laranja que escolhi para a capa remete a não sei o que lá, que foi inspirado na tendência não sei o que lá das quantas, mas a verdade é que foi só vontade. Vontade de ter um livro da capa laranja. De um laranja vivo, que vejo todo dia no meu quarto, no meu casaco felpudo e no vaso; casa da Espada-de-Santa-Bárbara; colocado no canto esquerdo, entre minha cama e a parede da janela, ao lado das outras cinco plantas que compõem a flora dos meus aposentos. A propósito, veio da combinação planta + vaso a convicção da cor verde para a guarda e folha de guarda. Dona Úrsula (mamãe) também gostou da junção de cores. Comentei, além dessa, a possibilidade do rosa ao invés do verde, ao que fui recriminada veementemente, “pelo amor de Deus, Natália”.

Na contracapa queria algo diferente, creio que se mantivesse iguais capa e quarta capa (ou contracapa) ao fim de cinco dias me arrependeria de tê-la feito assim. Seria tão tedioso o mesmo laranja no livro todo. Chatice, falta de criatividade por parte da formanda de publicidade. Recordei-me então de um antigo caderno. Rosa, todinho rosa. Ainda assim, com o passar dos dias ele se fez bicolor. O sol matinal, que bate forte em meu quarto nascente, espiou tanto minhas coisas que o desbotou um dos lados. Achei aquilo tão bonito.

Fiz, então, a parte de trás num alaranjado mais ameno, um alaranjado iluminado pelo sol.

A lambada do livro fará a divisão das cores, o Encontro das Águas. Uma linha invisível que separa dois tons de laranja.

Também vontade de minha pessoa foi arredondar a ponta superior e inferior do livro, para se assemelhar ao caderninho rosa e a outros nos quais escrevi quase a totalidade do que está no meu produto. Tenho dificuldade de desenvolver meus pensamentos num computador, sempre recorro a papel e caneta. Quando não tem, recorro à raiva e à fé de que minha memória não vai me deixar na mão.

Pelo mesmo motivo que abaulei as bordas, decidi-me a não estampar o título na capa, mas deixá-lo interno, escondê-lo. Quero reforçar a analogia a meu suporte de anotações.



**Figura 1-** Teste de cor da capa (vaso)



Imagem autoral, 2023

**Figura 2-** Teste de cor da capa (casaco)

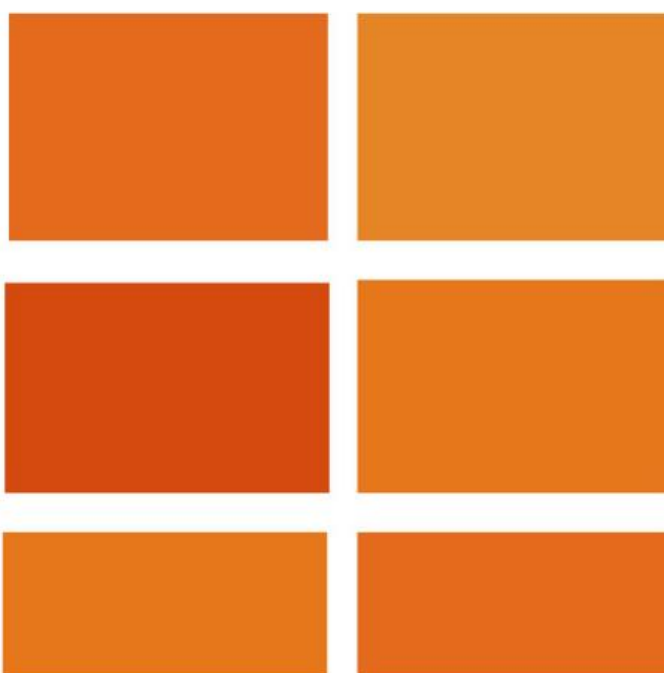


Imagem autoral, 2023

**Figura 3-** Mockup capa do produto



Fonte: [goodmockups.com](http://goodmockups.com)

## **7.2. Guarda, folha de guarda e Folha de rosto**

Sim, tive que aprender a nomenclatura dada às partes do livro. Ainda não me digo avançada na anatomia livresca, mas uma dedicada iniciante, com certeza.

**Figura 4- Partes de um livro**



Fonte: <https://www.taglivros.com>, 2017

O termo “guarda” designa a folha colada à capa e à contracapa em publicações de capa dura, como é o caso do meu projeto imaginado, e “folha de guarda” a seguinte, primeira da obra, esta não afixada a nada. Não sei o quanto esse tipo de encadernação encareceria a impressão, mas como minha ideia não sairá das páginas deste memorial, posso deixar ser o preço que for. “Ao infinito e além”!

Como nos exemplares antigos, aqueles de encadernação clássica encontrados em bibliotecas públicas, muitos sobre leis e materiais jurídicos ou ficções de edições já bem velhas, quero meu produto com a guarda e folha de guarda num contínuo artístico e extravagante. Uma enormidade desses livros, a maioria que abri até agora (ou que me recordo), estampavam cores na técnica de pintura conhecida no Brasil como marmorização.

**Figura 5-** Guarda e folha de guarda azul



Imagem autoral, 2023

**Figura 6-** Guarda e folha de guarda marrom



Imagem autoral, 2023

**Figura 7- Guarda e folha de guarda verde**



Imagem autoral, 2023

Essa forma de arte milenar surgiu no Japão, provavelmente durante o século X, quando recebeu o nome de *Suminagashi*.

Segundo a lenda, Jizemon Hiroba é creditado como o inventor do suminagashi. Dizem que ele se sentiu divinamente inspirado a fazer papel suminagashi depois de oferecer devoções espirituais no Santuário de Kasuga, na prefeitura de Nara. Ele então vagou pelo país procurando a melhor água para fazer seus documentos. Ele chegou em Echizen, Prefeitura de Fukui, onde encontrou a água especialmente propícia para fazer suminagashi. Então ele se estabeleceu lá, e sua família continuou com a tradição até hoje. (ARTEREF, 2019)

No século XVII, viajantes europeus levaram a técnica para seus países de origem, quando passou a ser usada para adornar livros e peças do mobiliário. Dessa forma, também se espalhou pelas colônias, como neste país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza.

**Figura 8- Capa marmorizada vermelha**

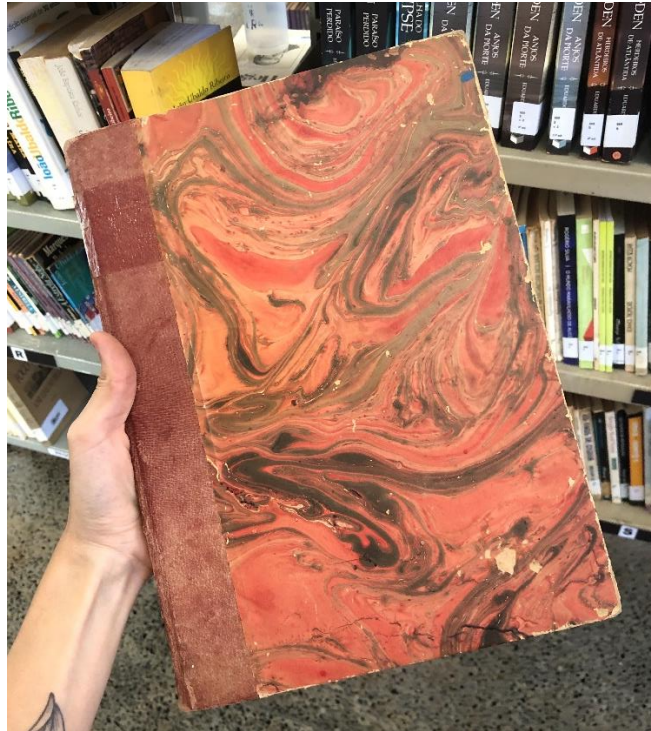


Imagem autoral, 2023

**Figura 9- Capa marmorizada verde**



Imagem autoral, 2023

**Figura 10-** Capa marmorizada colorida

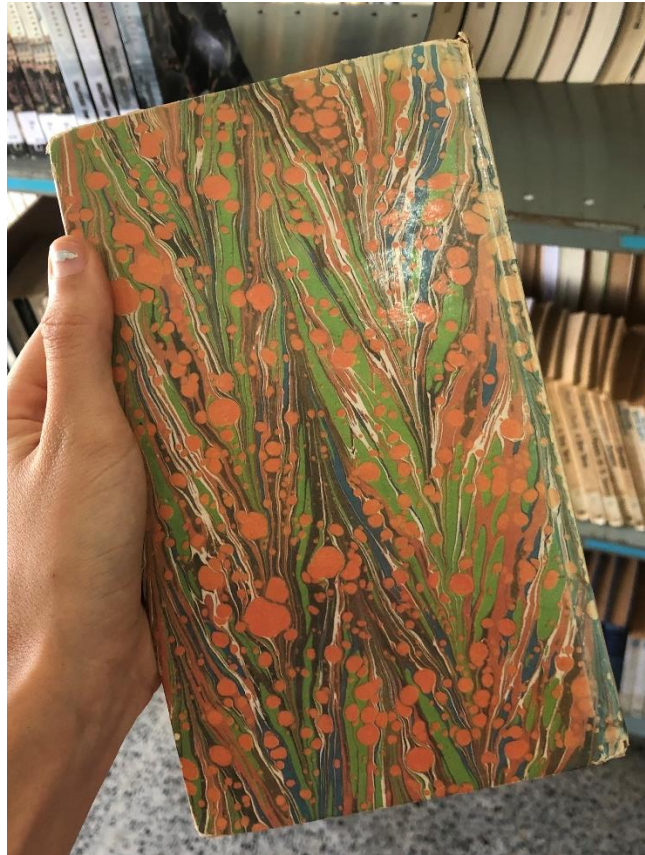
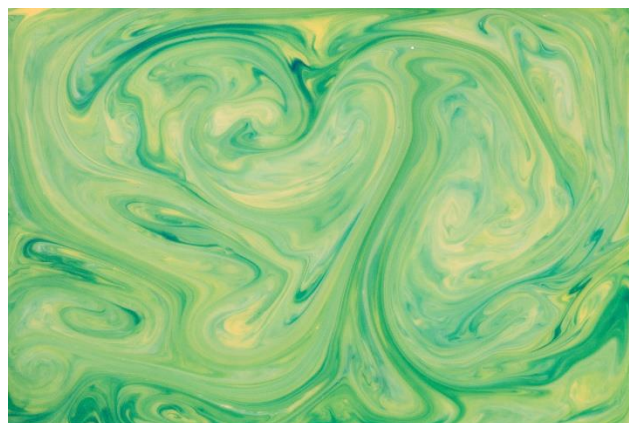


Imagem autoral, 2023

Para equilibrar o método japonês com minhas vontades ocidentais, o verde e o tom amarelado da Espada-de-Santa-Bárbara usei no efeito marmorizado, como decidi no tópico anterior.

**Figura 11-** Marmorização escolhida para o produto



Fonte: Freepik.com



A folha seguinte à folha de guarda, conseqüentemente a segunda do corpo do livro, é a dita-cuja, a queridinha folha de rosto. Nela o autor apresenta sua criação ao público, com o título bem grandão ao centro superior, se gaba um tanto de tê-la escrito, com seu nome logo abaixo, e talvez se gabe mais um pouco de uma relevante companhia ter publicado, registrando no canto inferior da página a data, nº da edição e, claro, nome da editora. Eu, humilde que sou, não colocarei o nome que mamãe escolheu pra mim, muito menos colocarei outro. Nenhum pseudônimo. Não colocarei nada e ponto. Por quê? Não sei também. Ocupou tudo o título que dei ao conjunto dos meus textos e fim.

Ao lado oposto, 180º horizontal, na frente da folha de guarda da quarta capa, apenas assinei meu trabalho e se deem por satisfeitos. Podem procurar, a assinatura estará lá, na última folha, no canto inferior direito, prometo.

### **7.3. Miolo**

Passadas as duas folhas antecessoras, o leitor alcança a parte que dá nome ao item. Na primeira delas, na página detrás, posicionei a singela, na verdade singelíssima, introdução que fiz. Praticamente um sopro, apenas para o sujeito dar uma respirada profunda antes de se debruçar propriamente no texto.

Não tem dedicatória, sumário, agradecimento, coisa alguma. Embora não seja bagunça, não só joguei as palavras nas laudas em branco e esperei que elas se alocassem onde achassem mais aconchegante. Há divisão, não tenho certeza se “capítulo” é o certo a dizer, é separação por meses do ano. Cada mês contém o que escrevi durante aqueles mesmos 30 dias ao longo dos anos, em ordem crescente, da época mais pretérita a mais próxima do agora, sem especificação exata do ano. É sempre 20XX (dois mil e não sei quando). Não quis deixar assim tão explicado quando exatamente escrevi o que escrevi. Um leitor curioso é o leitor por excelência.

Ao longo do livro dispus alguns desenhos que fiz enquanto escrevia, para desopilar minha mente nos momentos de escassez de vocabulário ou inspiração. Desenhinhos quaisquer, mas feitos com muito esmero, na rua dos bobos, número zero.

## 8. Referência bibliográfica

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. 6ª ed. Paz e Terra, 2002.

ARTEREF. **Arteref: Veja o processo de marmorização de papel**, 2019. Disponível em: <https://arteref.com/historia/papel-marmorizado/>. Acesso em: 22 de dez. de 2022.

BORGES, J. L. **Ficções**. 7ª ed. Globo, 1997.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; MORAES, M. **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª edição, Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FOUCAULT, M. A Escrita de Si. In: MOTTA, Manuel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. 1ª ed. Forense Universitária, 2004.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. Atlas, 2008.

MARCONI, M. A; LAKATOS E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª ed. Atlas, 2003.

SILVA, D. Ricoeur, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, p. 99-112, out./dez. 2008.